

Os recursos linguísticos que constroem o posicionamento nos textos dos manuais de História

Marta Filipe Alexandre*
Fausto Caels*

*ESECS-IPL & CELGA-ILTEC, U. Coimbra, Portugal

III Encontro APL/ESE Setúbal, 12-13 de julho de 2018
Escola Superior de Educação de Setúbal, Portugal

Estrutura da apresentação

Pontos de partida

O corpus

Resultados

avaliação linguisticamente explícita

naturalização de pontos de vista

PONTOS DE PARTIDA (1)

O conhecimento da História

1. O conhecimento especializado da História não incide apenas sobre aquilo que aconteceu no passado, mas também sobre **o modo como avaliamos o que aconteceu** (Rose & Martin 2012)

PONTOS DE PARTIDA (1)

O conhecimento da História

1. O conhecimento especializado da História não incide apenas sobre aquilo que aconteceu no passado, mas também sobre **o modo como avaliamos o que aconteceu** (Rose & Martin 2012)
2. Aprender História envolve interpretar e **expressar avaliação sobre o significado dos eventos do passado** (Martin & Wodak (eds.) 2003)

PONTOS DE PARTIDA (2)

A linguagem da História (Coffin 2006)

3. Os textos de História socorrem-se de uma diversidade de estratégias linguísticas. Estas estratégias estão diretamente relacionadas com as diferentes formas como na disciplina de História se aborda o passado.

Por exemplo: organizar acontecimentos no tempo, estabelecer relações de causalidade, etc.

PONTOS DE PARTIDA (2)

A linguagem da História (Coffin 2006)

4. Uma das formas de abordar o passado consiste em avaliar os acontecimentos históricos e atribuir-lhes um valor.

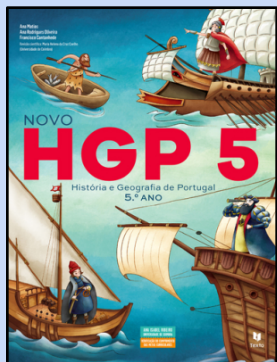
De um ponto de vista linguístico, esta avaliação pode ser expressa:

- (i) de forma explícita ou implícita
- (ii) por meio de diferentes categorias gramaticais
- (iii) em diferentes momentos ou níveis de um texto
- (iv) por meio de ou mais pontos de vista

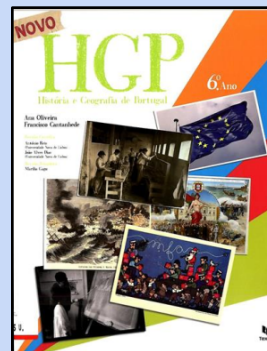
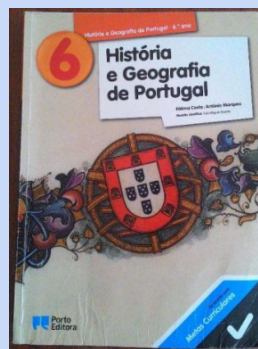
CORPUS

10 manuais de História

5.º ano



6.º ano



2.º Ciclo do Ensino Básico

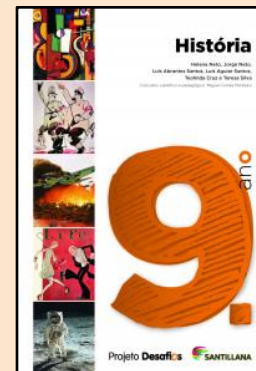
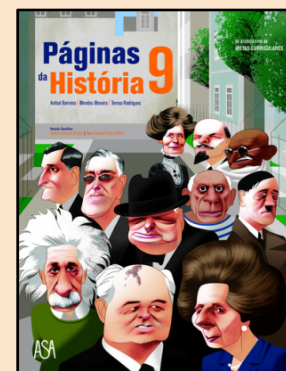
7.º ano



8.º ano



9.º ano



3.º Ciclo do Ensino Básico

CORPUS

Foram focados textos que incidem sobre acontecimentos em que uma nação transpõe as suas fronteiras geopolíticas e/ou entra no espaço geopolítico de outra nação.

Tópicos
Os portugueses em África, na Ásia e na América (século XVI)
Os espanhóis na América (século XVI)
A burguesia holandesa e inglesa (século XVII)
Os europeus em África e na América (século XIX)
Os franceses em Portugal (século XIX)
As nações europeias e a 1.ª Grande Guerra (século XX)
Os alemães e os japoneses e a 2.ª Grande Guerra (século XX)

Foram analisados
textos verbais
(de entre os
textos produzidos
pelos autores dos
manuais).

A disputa dos mares

A crise do Império Português do Oriente

No final da primeira metade do século XVI, o Império Português do Oriente tinha alcançado o seu apogeu, graças à numerosa rede de feitorias e fortalezas espalhadas pelos oceanos Atlântico e Índico, defendidas por uma poderosa força militar e navios de guerra bem equipados.

Contudo, a partir de meados do século XVI, várias razões contribuíram para a crise do Império Português do Oriente:

- uma **deficiente e dispendiosa administração** de um império vasto, disperso e longínquo, com **falta de recursos** financeiros e militares, o que obrigou, por exemplo, ao encerramento da feitoria da Flandres e ao confronto com numerosos inimigos (Turcos, Holandeses, Franceses e Ingleses) que atacavam territórios portugueses no Oriente (docs. 1 e 2);
- a **má aplicação dos lucros** obtidos com o comércio, que eram, em grande parte, gastos em bens de ostentação e de luxo;
- a **reanimação das rotas do Levante** pelos Muçulmanos, que faziam chegar à Europa, novamente por terra, os produtos orientais, nomeadamente as especiarias, fazendo concorrência com os vendidos pelos Portugueses (doc. 1);
- os **naufrágios**, provocados por carga excessiva, por tempestades e por ataques de inimigos (docs. 1 e 4);
- uma maior e mais eficiente organização da **pirataria** e do **corso** que, ao atacarem as armadas portuguesas, provocavam grandes prejuízos. Os corsários eram apoiados pela Holanda, França e Inglaterra;
- uma gradual ocupação (ou tentativa de ocupação), por parte dos inimigos de Portugal, dos territórios do Império Português do Oriente (docs. 2 e 3).

Apesar da situação de crise no Império do Oriente, o comércio com o Extremo Oriente continuou a efetuar-se mas agora com produtos, como as sedas, as lacas e as porcelanas, oriundas de Malaca, das Molucas, do Japão e de Macau. Contudo, os lucros obtidos com a comercialização destes produtos eram inferiores aos que se tinham conseguido durante o período em que Portugal teve o monopólio do comércio das especiarias.

No mesmo período em que Portugal se debatia com a crise do seu Império, a **Espanha**, pelo contrário, vivia uma **época de prosperidade**, devida, principalmente, à abundância de metais preciosos originários dos seus territórios na América.



5.1

Não confundas...

Corso: Atividade marítima caracterizada pelo assalto a navios de comércio para os capturar e apoderar-se da sua carga. Os corsários encontravam-se autorizados e protegidos pelo monarca do seu país de origem.

Pirataria: Verificava-se quando os assaltos a navios em alto mar eram praticados por piratas, a título individual, com o objetivo de se apoderarem das riquezas transportadas pelos barcos que assaltavam. Estes homens, desligados da obediência a qualquer autoridade, acumularam fortunas consideráveis.

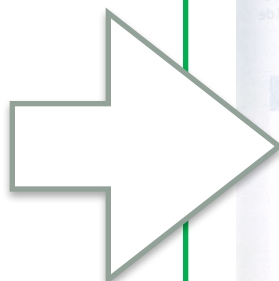
Continuo o fio da História...

1. Refere duas razões internas e duas razões externas que tenham contribuído para a crise do Império Português do Oriente.
2. Na tua opinião, a crise do Império Português do Oriente foi causada, principalmente, por razões militares, por razões económicas ou por ambas? Justifica.

PARA A PRÓXIMA AULA

Sabendo que a palavra «união» significa junção, ou reunião, qual será o significado de «União Ibérica»?

Foram analisados
textos verbais
(de entre os
textos produzidos
pelos autores dos
manuais).



A disputa dos mares

A crise do Império Português do Oriente

No final da primeira metade do século XVI, o Império Português do Oriente tinha alcançado o seu apogeu, graças à numerosa rede de feitorias e fortalezas espalhadas pelos oceanos Atlântico e Índico, defendidas por uma poderosa força militar e navios de guerra bem equipados.

Contudo, a partir de meados do século XVI, várias razões contribuíram para a crise do Império Português do Oriente:

- uma **deficiente e dispendiosa administração** de um império vasto, disperso e longínquo, com **falta de recursos** financeiros e militares, o que obrigou, por exemplo, ao encerramento da feitoria da Flandres e ao confronto com numerosos inimigos (Turcos, Holandeses, Franceses e Ingleses) que atacavam territórios portugueses no Oriente (docs. 1 e 2);
- a **má aplicação dos lucros** obtidos com o comércio, que eram, em grande parte, gastos em bens de ostentação e de luxo;
- a **reanimação das rotas do Levante** pelos Muçulmanos, que faziam chegar à Europa, novamente por terra, os produtos orientais, nomeadamente as especiarias, fazendo concorrência com os vendidos pelos Portugueses (doc. 1);
- os **naviágios**, provocados por carga excessiva, por tempestades e por ataques de inimigos (docs. 1 e 4);
- uma maior e mais eficiente organização da **pirataria** e do **corso** que, ao atacarem as armadas portuguesas, provocavam grandes prejuízos. Os corsários eram apoiados pela Holanda, França e Inglaterra;
- uma gradual ocupação (ou tentativa de ocupação), por parte dos inimigos de Portugal, dos territórios do Império Português do Oriente (docs. 2 e 3).

Apesar da situação de crise no Império do Oriente, o comércio com o Extremo Oriente continuou a efetuar-se mas agora com produtos, como as sedas, as lacas e as porcelanas, oriundas de Malaca, das Molucas, do Japão e de Macau. Contudo, os lucros obtidos com a comercialização destes produtos eram inferiores aos que se tinham conseguido durante o período em que Portugal teve o monopólio do comércio das especiarias.

No mesmo período em que Portugal se debatia com a crise do seu Império, a **Espanha**, pelo contrário, vivia uma **época de prosperidade**, devida, principalmente, à abundância de metais preciosos originários dos seus territórios na América.



5.1

Não confundas...

Corso: Atividade marítima caracterizada pelo assalto a navios de comércio para os capturar e apoderar-se da sua carga. Os corsários encontravam-se autorizados e protegidos pelo monarca do seu país de origem.

Pirataria: Verificava-se quando os assaltos a navios em alto mar eram praticados por piratas, a título individual, com o objetivo de se apoderarem das riquezas transportadas pelos barcos que assaltavam. Estes homens, desligados da obediência a qualquer autoridade, acumularam fortunas consideráveis.

Continuo o fio da História...

1. Refere duas razões internas e duas razões externas que tenham contribuído para a crise do Império Português do Oriente.
2. Na tua opinião, a crise do Império Português do Oriente foi causada, principalmente, por razões militares, por razões económicas ou por ambas? Justifica.

PARA A PRÓXIMA AULA

Sabendo que a palavra «união» significa junção, ou reunião, qual será o significado de «União Ibérica»?

RESULTADOS (1)

RESULTADOS (1)

Há textos que apresentam uma avaliação explícita sobre acontecimentos históricos.

Vejamos dois excertos exemplificativos:

- invasões francesas
- colonização espanhola

As invasões francesas

Portugal, velho aliado da Inglaterra, não cumpriu as ordens de Napoleão. Por isso, o nosso país foi invadido pelas tropas francesas.

1ª invasão francesa

Em 1807, dá-se a 1ª invasão. Cerca de 50 000 soldados comandados pelo general Junot (**doc. 4**) entram em Portugal pela Beira Baixa e avançam rapidamente em direção a Lisboa. Era sua intenção aprisionar o príncipe regente D. João e a família real. Mas estes, a conselho dos ingleses, tinham partido para o Brasil (**doc. 5**).

Chegado a Lisboa, Junot tomou conta do governo de Portugal, em nome de Napoleão Bonaparte. Por todo o país, as tropas francesas espalharam o terror: roubaram riquezas de igrejas e solares, incendiaram povoações, prenderam e mataram pessoas. Perante a violência dos invasores, um pouco por todo o país, ocorreram revoltas populares. Em auxílio de Portugal, a Inglaterra enviou um exército comandado por Sir Arthur Wellesley (futuro duque de Wellington).

As invasões francesas

Portugal, velho aliado da Inglaterra, não cumpriu as ordens de Napoleão. Por isso, o nosso país foi invadido pelas tropas francesas.

1ª invasão francesa

Em 1807, dá-se a 1ª invasão. Cerca de 50 000 soldados comandados pelo general Junot (**doc. 4**) entram em Portugal pela Beira Baixa e avançam rapidamente em direção a Lisboa. Era sua intenção aprisionar o príncipe regente D. João e a família real. Mas estes, a conselho dos ingleses, tinham partido para o Brasil (**doc. 5**).

Chegado a Lisboa, Junot tomou conta do governo de Portugal, em nome de Napoleão Bonaparte. Por todo o país, as tropas francesas espalharam o terror: roubaram riquezas de igrejas e solares, incendiaram povoações, prenderam e mataram pessoas. Perante a violência dos invasores, um pouco por todo o país, ocorreram revoltas populares. Em auxílio de Portugal, a Inglaterra enviou um exército comandado por Sir Arthur Wellesley (futuro duque de Wellington).

O caráter da colonização espanhola

No decurso da primeira metade do século XVI, os espanhóis, devido à sua superioridade militar (armaduras de ferro, cavalos, canhões), dominaram, sem dificuldade, as antigas civilizações da América (**docs. 1 e 2**):

- entre 1519 e 1521, **Cortés** venceu os astecas e ocupou o México;
- entre 1532 e 1537, **Pizarro** e **Almagro** dominaram os incas e estenderam o império espanhol ao atual Peru;
- em 1541, Pedro de Valdivia conquistou o Chile.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel (**doc. 3**). Ávidos de ouro e prata, pilharam os tesouros indígenas e praticaram massacres. Em meados do século XVI, com a descoberta de jazidas de prata no México (minas de Zacatecas) e no Peru (minas de Potosí), os espanhóis obrigaram as populações locais a trabalhos forçados. Por falta de mão de obra, recorreram a escravos trazidos de África.

As doenças introduzidas pelos espanhóis e pelos escravos negros, a ambição e a violência dos conquistadores levaram ao desaparecimento de grande parte da população indígena e à destruição das civilizações ameríndias.

Mas, quando se deu o apogeu dos impérios português e espanhol? Vamos ver.

O caráter da colonização espanhola

No decurso da primeira metade do século XVI, os espanhóis, devido à sua superioridade militar (armaduras de ferro, cavalos, canhões), dominaram, sem dificuldade, as antigas civilizações da América (**docs. 1 e 2**):

- entre 1519 e 1521, **Cortés** venceu os astecas e ocupou o México;
- entre 1532 e 1537, **Pizarro** e **Almagro** dominaram os incas e estenderam o império espanhol ao atual Peru;
- em 1541, Pedro de Valdivia conquistou o Chile.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel (**doc. 3**). Ávidos de ouro e prata, pilharam os tesouros indígenas e praticaram massacres. Em meados do século XVI, com a descoberta de jazidas de prata no México (minas de Zacatecas) e no Peru (minas de Potosí), os espanhóis obrigaram as populações locais a trabalhos forçados. Por falta de mão de obra, recorreram a escravos trazidos de África.

As doenças introduzidas pelos espanhóis e pelos escravos negros, a ambição e a violência dos conquistadores levaram ao desaparecimento de grande parte da população indígena e à destruição das civilizações ameríndias.

Mas, quando se deu o apogeu dos impérios português e espanhol? Vamos ver.

Síntese de recursos linguísticos que expressam avaliação (negativa) explícita:

Adjetivos	Nominalizações	Nomes	Grupos verbais
(ação) brutal e cruel (trabalho) forçado pesados (impostos) (atos) violentos	destruição desaparecimento exploração invasão massacres	ambição doenças terror violência pilhagem máquina de guerra	incendiaram povoações cometeram massacres dominaram aprisionar exploraram obrigaram a trabalhos forçados impuseram a língua mataram pessoas pilharam espalharam o terror roubaram subjugaram usaram escravos

RESULTADOS (2)

RESULTADOS (2)

A avaliação, embora linguisticamente explícita, pode não ser evidente para quem lê ou ensina o texto.

Analisemos a seguinte passagem:

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Isto é um facto histórico
ou uma opinião sobre um facto histórico?

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Isto é um facto histórico
ou uma opinião sobre um facto histórico?

É difícil responder a esta pergunta, porque o texto não distingue gramaticalmente entre a voz do narrador e a voz do avaliador. Contudo, seria possível realizar essa distinção.

Por exemplo: O meu pai comprou um carro novo. Eu acho que é um desperdício de dinheiro.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Admitindo que se trata de uma opinião,
esta é a opinião de quem?

Os espanhóis criaram na América um vasto império. Mas a ação dos conquistadores espanhóis sobre os povos da América foi brutal e cruel.

Admitindo que se trata de uma opinião,
esta é a opinião de quem?

É difícil identificar o ponto de vista a partir do qual é feita a avaliação, porque a atribuição não se encontra gramaticalmente realizada.

Poderá ser a opinião dos contemporâneos (os próprios espanhóis, os povos da América ou outros). Poderá ser a opinião da comunidade de historiadores. Poderá ser a opinião do Programa de História. Poderá ser a opinião dos autores do manual.

RESULTADOS (3)

RESULTADOS (3)

A avaliação explícita parece ser circunscrita a um conjunto limitado de tópicos.

Na maioria dos textos há poucos recursos lexicais e gramaticais que expressam explicitamente avaliação.

RESULTADOS (3)

A avaliação explícita parece ser circunscrita a um conjunto limitado de tópicos.

Na maioria dos textos há poucos recursos lexicais e gramaticais que expressam explicitamente avaliação.

Poderá isto significar que os textos veiculam apenas informação objetiva? Ou será que recorrem a outras estratégias para veicular avaliação?

RESULTADOS (3)

A avaliação explícita parece ser circunscrita a um conjunto limitado de tópicos.

Na maioria dos textos há poucos recursos lexicais e gramaticais que expressam explicitamente avaliação.

Poderá isto significar que os textos veiculam apenas informação objetiva? Ou será que recorrem a outras estratégias para veicular avaliação?

Vejamos o caso da expansão marítima portuguesa:

- os vários textos constroem uma visão “aparentemente neutra”

As consequências do comércio intercontinental no cotidiano e nos consumos mundiais

Os Descobrimentos contribuíram, também, para a troca de produtos entre os continentes (docs. 1 a 4):

- a **Europa** levou para a América cereais (trigo, cevada, aveia, arroz), a videira, a cana-de-açúcar, a oliveira, legumes e animais como o boi, o cavalo, o porco, o carneiro, as galinhas;
- a **América** forneceu milho, feijão, tomate, batata, cacau, mandioca, ananás, tabaco e animais (peru);
- a **Ásia** deu a conhecer, para além das especiarias, o chá, o café, o arroz, a cana-de-açúcar, o coqueiro, o algodão;
- a **África** forneceu à Europa o milho-miúdo.

Em resultado deste intercâmbio, as paisagens agrícolas e os hábitos alimentares das populações modificaram-se. Ao mesmo tempo, ocorreram movimentos de povos – de emigrantes europeus e de escravos africanos, sobretudo, para a América.

As consequências do comércio intercontinental no cotidiano e nos consumos mundiais

Os Descobrimentos contribuíram, também, para a troca de produtos entre os continentes (docs. 1 a 4):

- a Europa levou para a América cereais (trigo, cevada, aveia, arroz), a videira, a cana-de-açúcar, a oliveira, legumes e animais como o boi, o cavalo, o porco, o carneiro, as galinhas;
- a América forneceu milho, feijão, tomate, batata, cacau, mandioca, ananás, tabaco e animais (peru);
- a Ásia deu a conhecer, para além das especiarias, o chá, o café, o arroz, a cana-de-açúcar, o coqueiro, o algodão;
- a África forneceu à Europa o milho-miúdo.

Em resultado deste intercâmbio, as paisagens agrícolas e os hábitos alimentares das populações modificaram-se. Ao mesmo tempo, ocorreram movimentos de povos – de emigrantes europeus e de escravos africanos, sobretudo, para a América.

RESULTADOS (3)

Em grande parte dos textos, estamos perante escolhas linguísticas que naturalizam **um** ponto de vista.

Por exemplo:

- Os aspetos negativos das ações são dissimulados.

- Focam-se apenas as consequências positivas.

- Focam-se os produtos ou as ações (heróicas) isoladas.



<https://blogdojeffrossi.blogspot.com/2014/04/tiras-e-cartuns-sobre-o-descobrimento.html>

É, pois, urgente a criação de um modelo de análise para o caso do português.

É urgente a produção de materiais de divulgação.

É ainda mais urgente a implementação de estratégias de trabalho conjunto com os professores.

Todas estas tarefas pressupõem um trabalho articulado entre linguistas e professores.

**Muito obrigado pela vossa
atenção!**

marta.alexandre@ipleiria.pt
fausto.caels@ipleiria.pt